

(Introdução à exposição 'Noite (Vi)Vida' de Nelson Cardoso na gAD (Galeria AntiksDesign) em Lisboa, 2006)

NOITE (VI)VIDA

José António B.
Fernandes Dias

Setembro, 2006

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Baía. Ou em Belém do Pará.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

[Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago, Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha (1928)]

Todafastados da questão. Se é um erro pensar que todas as fantasias continuadas conduzem à criação de mundos alternativos plenamente desenvolvidos, parece claro que essa acumulação prolixa de pormenores, levada ao extremo, desemboca muitas vezes numa espécie de densidade enciclopédica que nos permite falar de um verdadeiro mundo alternativo.

Nos trabalhos do Nelson há temas recorrentes; muitas vezes facilmente identificáveis, mas quando se olha mais, e melhor, o que lá está sempre é a profusão das formas, o turbilhão de imagens, a metamorfose contínua das coisas umas nas outras. De que resulta uma instabilidade de sentidos, uma armadilha que prende o nosso olhar e o nosso imaginário. Que fica particularmente evidente na proliferação obsessiva de figuras eróticas, particularmente seios, com mamilos que também são olhos, seios que são também falos, ou testículos.

Evidentemente que nos lembramos logo do surrealismo; mas não devemos também esquecer o barroquismo vernáculo da cultura brasileira; nem a antropofagia oswaldiana que tudo devora e digere, amalgamando o díspar; nem as expressões plásticas do pensamento da transformação que caracteriza as filosofias e as visões do mundo dos povos indígenas do Brasil.

todas as pessoas, esta existência fantástica tende a ocupar pouco tempo e a afastar-se só minimamente da realidade convencional, corrigindo pequenos segmentos da nossa situação vital em função de necessidades interiores, fazendo coincidir imaginativamente um fragmento do mundo exterior com os nossos desejos. Há outros, porém, em quem a vida da fantasia parece ser, ou conservar-se, mais rica, mais dominante ou menos fragmentária. Estes podem elaborar continuamente determinadas fantasias ao longo de meses ou anos. São fantasias que crescem por acumulação, que se vão fazendo mais complexas e pormenorizadas com o passar do tempo. A fantasia converte-se aqui no modo dominante, à custa da adaptação ao mundo quotidiano. Podemos talvez supor que isto aconteça porque as suas vidas

no mundo real lhes proporcionem uma estimulação escassa e uma satisfação insuficiente das suas necessidades. Dão-nos muitas vezes a impressão de deixar-se enredar e armadilhar pelo processo de invenção, e começar a desfrutar com a criação de detalhes aparentemente afastados da questão. Se é um erro pensar que todas as fantasias continuadas conduzem à criação de mundos alternativos plenamente desenvolvidos, parece claro que essa acumulação prolixa de pormenores, levada ao extremo, desemboca muitas vezes numa espécie de densidade enciclopédica que nos permite falar de um verdadeiro mundo alternativo.

Nos trabalhos do Nelson há temas recorrentes; muitas vezes facilmente identificáveis, mas quando se olha mais, e melhor, o que lá está sempre é a profusão das formas, o turbilhão de imagens, a metamorfose contínua das coisas umas nas outras. De que resulta uma instabilidade de sentidos, uma armadilha que prende o nosso olhar e o nosso imaginário. Que fica particularmente evidente na proliferação obsessiva de figuras eróticas, particularmente seios, com mamilos que também são olhos, seios que são também falos, ou testículos.

nosso imaginário. Que fica particularmente evidente na proliferação obsessiva de figuras eróticas, particularmente seios, com mamilos que também são olhos, seios que são também falos, ou testículos.

Evidentemente que nos lembramos logo do surrealismo; mas não devemos também esquecer o barroquismo vernáculo da cultura brasileira; nem a antropofagia oswaldiana que tudo devora e digere, amalgamando o díspar; nem as expressões plásticas do pensamento da transformação que caracteriza as filosofias e as visões do mundo dos povos indígenas do Brasil.

Quando vi estes trabalhos do Nelson Cardoso pela primeira vez, muitas coisas me vieram à cabeça; as associações, ressonâncias, memórias e referências multiplicaram-se. As colagens cubistas e dadaístas, os *objects trouvés aidés*, as caixas maravilhosas de Joseph Cornell, os efeitos de *frottage* de Max Ernst, as *assemblages*, o *bricoleur* de Lévi-Strauss...; mas, mais do que tudo, o que se foi arrumando sob a designação de *Art Brut*, problemáticamente como sempre são problemáticas as arrumações na arte. Formulado originalmente por Jean Dubuffet (o mesmo que cunhou a noção de *assemblage*) em meados de 1940, a primeira definição clássica do termo é escrita por este pintor no seu texto "*L'art brut préféré aux arts culturels*" (1949):

"Entendemos por este termo obras produzidas por pessoas ilesas de cultura artística, em que a imitação tem um papel pequeno ou está ausente... Estes artistas derivam tudo-temas, escolha de materiais, modos de transposição, ritmos, estilos de escrita, etc das suas próprias profundezas e não das convenções da arte clássica ou da arte que está na moda. Testemunhamos aqui a criação artística completamente pura, crua, bruta, e inteiramente reinventada, em todas as suas fases, só através dos impulsos dos artistas. É por isso uma arte que manifesta uma inventividade sem paralelo."

ritmos, estilos de escrita, etc-das suas próprias profundezas e não das convenções da arte clássica ou da arte que está na moda. Testemunhamos aqui a criação artística completamente pura, crua, bruta, e inteiramente reinventada, em todas as suas fases, só através dos impulsos dos artistas. É por isso uma arte que manifesta uma inventividade sem paralelo."

Se nos lembrarmos dos princípios de Dubuffet, não como artista mas trabalhando no negócio de vinhos da sua família, entendemos melhor o sentido poético e celebratório de Art-Brut como nos melhores champanhes, Brut quer dizer aqui também o estado mais puro, menos adulterado das coisas.

Enquanto em Dubuffet, e na sua famosa colecção, o uso do termo se restringia para as produções de doentes psiquiátricos, visionários, médiuns e crianças, o seu âmbito alargou-se muito desde então; como se multiplicaram as designações - em 1972 o escritor britânico Roger Cardinal cunhou a expressão Outsider Art, depois vieram "arte isolada", "arte errante ou vagabunda" (maverick), "arte visionária", "arte autodidacta", "arte idiossincrásica", "arte original", "arte estranha", "arte dos sem-arte" - para abranger um leque desconcertante de actividades artísticas situadas fora, ou em oposição às preocupações do hegemónico. Talvez seja correcto pensar que o aspecto mais interessante é o da independência artística.

Nelson não é um naïf, nem rigorosamente um autodidacta. Frequentou cursos no ARCO; e passou por outras formações - de torneiro mecânico, de técnico de fotografia - que de diferentes modos desenvolveram em si capacidades técnicas de manipular materiais, de construir, de olhar e ver. Fez artesanato quando aos 17 anos saiu de casa, da Ribeirão Preto natal para os meios hippies de São Paulo, e se tornou o que continua a ser, um "pássaro à solta". Esta expressão foi por ele utilizada várias vezes nas conversas que mantivemos, para se referir a si e à sua vida; mas também servirá para falarmos destes seus trabalhos nocturnos que, mais do que os diurnos, são inseparáveis da sua própria pessoa. Mas se na sua actividade artística mais conhecida, como escultor, o lado cultivado e domesticado está mais presente, aqui, nestes trabalhos, o autodidacta e o outsider domina. Apesar do conhecimento que acumulou das "artes cultas", pela convivência com outros artistas, pela frequência de museus, exposições e galerias de arte, pela consulta de livros e revistas, aqui, de noite, é como se o suspendesse. O que alimenta estes trabalhos, e neles se materializa, é a inquietação, a descoberta e a experimentação pessoais. De que cada um de nós pode agora fazer a experiência, identificando-se aí, ou saindo de si, para se encontrar outro, neles.

manipular materiais, de construir, de olhar e ver. Fez artesanato quando aos 17 anos saiu de casa, da Ribeirão Preto natal para os meios hippies de São Paulo, e se tornou o que continua a ser, um "pássaro à solta". Esta expressão foi por ele utilizada várias vezes nas conversas que mantivemos, para se referir a si e à sua vida; mas também servirá para falarmos destes seus trabalhos nocturnos que, mais do que os diurnos, são inseparáveis da sua própria pessoa. Mas se na sua actividade artística mais conhecida, como escultor, o lado cultivado e domesticado está mais presente, aqui, nestes trabalhos, o autodidacta e o outsider domina. Apesar do conhecimento que acumulou das "artes cultas", pela convivência com outros artistas, pela frequência de museus, exposições e galerias de arte, pela consulta de livros e revistas, aqui, de noite, é como se o suspendesse. O que alimenta estes trabalhos, e neles se materializa, é a inquietação, a descoberta e a experimentação pessoais. De que cada um de nós pode agora fazer a experiência, identificando-se aí, ou saindo de si, para se encontrar outro, neles.